

Ancestralidade: as narrativas de Pai João

ODIA
ALAGOAS

Ano 010 Número 540 R\$ 3,00

Alagoas 25 de junho
a 1º de julho 2023



Pai João com seus dois ancestrais. Babá Mazinho (sentado). Crédito: Arquivo Pai João

S
U
P
R
A
M
A

**Dois
dedos
de
prosa**

O apanhador de lembranças e costumes Railton Teixeira da Silva volta a Campus trazendo as narrativas de Pai João e o seu culto a ancestralidade no Catimbó Jurema. É importante notar a possibilidade de esclarecimento e diálogo abertos por Pai João, como manifestação de uma prática religiosa da cultura periférica de Maceió, muitas vezes discriminada e perseguida pelo Estado e pela sociedade.

Amaro Hélio Leite da Silva



EXPEDIENTE

Eliane Pereira
Diretora-Executiva

Deraldo Francisco
Editor-Geral

Conselho Editorial
Jackson de Lima Neto
José Alberto Costa
Jorge Vieira

CAMPUS

Amaro Hélio L. da Silva
Coordenador de Campus

Jobson Pedrosa
Diagramação

Iracema Ferro
Edição e Revisão

Adauto Santos da Rocha

Alex Machado

Ana Luiza Pimentel

Artemísia Soares

Claudemir M. Cosme

Eduardo Bastos

Edvaldo Nascimento

Flávio A. de A. Moraes

Íria Almeida

Josielda Cristo

Lúcio Verçosa

Mônica C. de Almeida

Thiago Matias

Apoio

Para anunciar:
(82) 3023.2092

Endereço:
Rua Pedro
Oliveira Rocha, 189,
2º andar, sala 210
Farol - Maceió - Alagoas

CNPJ:
07.847.607/0001-50

E-mails:
redacao@odia-al.com.br
comercial@odia-al.com.br

Site:
www.jornalodia-al.com.br

ARTIGO | Railton Teixeira Da Silva Apanhador de lembranças e costumes. Jornalista. mais1.dasilva.jornalista@gmail.com

Ancestralidade: as narrativas de Pai João

1. Algumas palavras a título de introdução

O que seguirá nas próximas linhas são as narrativas de Pai João. Elas foram apanhadas em uma tarde de conversa no Ilê Axé Oloye Oyo, na periferia de Maceió. A fala foi minuciosamente transcrita com o carinho e a atenção de quem as ouve com muito cuidado e as compartilha neste suplemento semanal como carta. Lembrar é antes de mais nada um ato humano, pois estamos o tempo todo lembrando, e lembrar é refazer um passado já vivido. Nesta feita, o narrador traz em suas lembranças os saberes e os costumes de uma prática mantida há gerações no seio de sua família.

Dos 36 anos de vida, Pai João tem dedicado ao culto ancestral mais de 20. Desde criança ele participa com a família de giras, festas, obrigações e oros, mas o seu pontapé foi aos 14 anos de idade quando fez o processo de iniciação no candomblé. A sua feitura no Orixá e o tombó na Jurema foram ministrados pelo seu tio, conhecido como Mazinho, que hoje é seu ancestral. E assim Pai João segue os caminhos que, segundo ele, foram traçados por Olodumare, o Deus Supremo, e por Tupã, desde o início de sua trajetória para chegar nesta vida terrena. É usando o cachimbo, o maracá, o ilú, os búzios que invoca, louva e mantém uma comunicação com aqueles que já não se encontram aqui neste plano.

Esta é mais uma prática cultural popular da periferia de Maceió que trago como oportunidade de diálogo. A tentativa é apresentar elementos pouco falados, mas que pertencem a um culto rico em costumes e tradições de uma cidade profunda. E, claro, que nesta ocasião não poderia perder a oportunidade de trazer a fala de um sacerdote que no Conjunto Paulo Bandeira age na salvaguarda deste patrimônio intangível na contramão do esquecimento. Pai João é um mestre da cultura popular que, apesar de jovem, já carrega a responsabilidade de manter viva a herança ancestral herdada dos Fulni-ô e dos Iorubás.

E aqui quero deixar claro que existem dívidas para com os descendentes dos negros sequestrados da África e com os descendentes dos indígenas que nunca serão sanadas, tão pouco reparadas. Dívidas essas que deixaram cicatrizes e ainda hoje são bem visíveis no retrovisor da história, mas não a história oficial, e sim aquela que é escrita com os pés no chão, aquela que tem em cada ruga dos rostos de pessoas comuns e anônimas uma marca muito peculiar do tempo presente e de um tempo passado já vivido que não volta mais. Um tempo que é só lembrado.

Não poderia deixar de aproveitar a oportunidade e trazer algumas notas pessoais sobre as manifestações religiosas do candomblé e do Catimbó Jurema. É importante deixar bem claro que o candomblé e a Jurema são religiões brasileiras. Cada uma com suas particularidades e ritualísticas próprias. Diferente da mesa branca e aqui chamo a atenção para o termo propagado quando se refere ao Espiritismo de Allan

Kardec. Mas o culto aos orixás e a Egungun, e aos encantados no Catimbó Jurema, ocorrem de maneiras bem distintas e cada uma conserva e preserva os costumes que são rurais, e, mesmo no urbano, encontraram uma forma de existir e escrever sua própria história. A título de informação, gostaria de explicar o que seria Egungun, até mesmo para não pairar dúvidas. A palavra é Ioruba, como muitas apresentadas aqui, e significa Ancestral.

O Candomblé é a resistência de pessoas que foram retiradas à base da violência de África e foram submetidas à escravidão aqui no Brasil. Vários povos do continente africano foram dizimados pelos europeus. Muitas dessas pessoas sequestradas trouxeram para o Brasil as culturas bantos, jêje, nagôs, hauças, malês e outros povos. Várias foram as resistências encontradas, entre elas a barreira da comunicação, pois não se colocavam pessoas negras escravizadas de mesma nacionalidade juntas. E, claro, aqui foram proibidos de praticar qualquer prática cultural ou religiosa.

E a resistência tem uma particularidade muito especial. E foi essa resistência de querer cultuar suas divindades, seja ela os orixás, os nkisis e os voduns, que se usou os elementos do catolicismo para manter vivo o seu culto. Desta forma, encontramos em templos de candomblé imagens de santos, a exemplo de São Jorge, Imaculada Conceição, Santa Bárbara, São Jerônimo, Santo Antônio e outros santos populares que lhes eram possíveis render devoção e não mostrar para o colonizador que estava indo de encontro às ordens previamente estabelecidas. Mesmo assim, a perseguição sempre foi forte e os praticantes enfrentaram os horrores ao tentar resistir.

Esse processo não foi diferente com o Catimbó Jurema. E, antes de mais nada, é preciso deixar claro que a Jurema praticada pelos indígenas nos seus rituais sagrados e secretos é totalmente diferente da manifestação na cidade. Os indígenas não abrem os seus segredos e não permitem que o conhecimento do saber fazer dos seus cultos cheguem na "floresta de concreto". Mesmo assim, há uma troca de elementos culturais entre os indígenas e os praticantes da Jurema no urbano.

Porém, o Catimbó Jurema chega nas cidades, principalmente nas capitais do Nordeste, com os indígenas que saíram dos seus aldeamentos e foram para os grandes centros urbanos. Como não poderia ser diferente, o tempo se encarrega de promover as rupturas e os avanços necessários para as tradições populares. O Catimbó Jurema, além do berço indígena, tem a força espiritual dos Mestres, que são a segunda coluna do rito. Além disso, foram agregados ao culto o Preto Velho e as senhoras Mestra.

Pai João nos permite conhecer um pouco sobre ancestralidade. Claro que não é um material que elucidar todas as inquietações sobre o tema, mas, a bem dizer, é uma introdução que nos permitirá ter um entendimento sobre. Então vamos às suas narrativas...



Altar de Jurema. Crédito Railton: Teixeira da Silva

CAMPUS/O DIA ALAGOAS pode discordar em parte ou no todo da matéria por nós publicada.

2. Narrativa de Pai João

2.1. O culto à ancestralidade

Sou pai João, sacerdote do Ilê Axé Oloye Oyo, juremeiro e babalorixá.

E o que é ancestralidade para nós que somos do culto ao Candomblé e a Jurema? São os nossos antepassados que trouxeram todo ensinamento da terra, de folhas, de comidas, das rezas de benze-deira. São aqueles que estão ao nosso lado espiritual para nos trazer o conhecimento e o discernimento. Aquilo que eles deixaram em terra nos é dado e aquilo que eles ainda têm a nos oferecer e a nos ensinar. Isso são os nossos ancestrais. Indígenas, negros, mulatos, cafuzos, caboclos, são aqueles que nos iluminam e nos mostra os caminhos.

O culto à Jurema é um culto ancestral. O culto ao orixá é um culto ancestral. Através deles nós entendemos o ato da folha, o que era o ato das ervas, o que é um ato dos animais, o que é o ato de comer.

O que nos conecta à ancestralidade é a folha, é a raiz. Dentro do culto ao orixá tem a folha, por exemplo, se tem o dito "ko si ewe, ko si orixa", sem folha não há orixá. E dentro da Jurema Santa Sagrada, as raízes, as árvores, as frutas.

Antigamente, nós tínhamos uma quantidade muito grande de animais, sendo utilizados para sacrifício. Seja ele africano ou indígena. Isso porque a comunidade precisava se alimentar. O terreiro, que viviam em comunidades tradicionais, sempre juntos, hoje não se tem mais esses sítios. Mas antigamente, há 20, 30, 40 anos nós tínhamos comunidades; então, era necessário alimentar a comunidade. A partir daí eram vários cabritos, vários galos, eram várias galinhas. Uma quantidade de animais que conseguisse absorver aquela gente e daí surgia a festa.

Esses animais são rezados, purificados para que nós possamos comer uma carne e que não tenhamos o resquício da energia negativa que nós temos dentro dos abatedouros, de granjas, onde só se pensam no animal como um comércio. Na verdade, o animal é respeitado pela nossa matriz religiosa.

Tem uma ligação muito forte dos nossos ancestrais com o plantio, com as construções, com a criação de animais. No plantio, eles nos ensinam em que horas e como devemos; como plantar o milho na data que antecede o São João; se planta três meses antes para se colher em junho. Foi-se passado por um antepassado. Como vai se fazer uma cerca para se dividir o gado? Como vai plantar uma mandioca, uma macaxeira? O ato de se fazer a farinha? Como se faz uma farinha? Como se



Mesa de Jurema de Chão. Crédito Railton: Teixeira da Silva

constrói um moinho para fazer a farinha? Como se queima a farinha?

Tanto no plantio quanto na colheita esses ensinamentos são passados de pai para filho, da forma como se faz. Quando se tem um animal doente, se reza ele, se defuma ele, se faz um banho com as ervas específicas e dá um banho no animal, para se tirar uma energia negativa ou um ferimento. Quem nos ensinou que o juá é bom para ferida? Os nossos ancestrais. Ele pega o juá, bate aquela pasta, fica aquela espuma, coloca no ferimento do animal e fecha. Quem nos ensinou que o Melão de São Caetano é bom para banho em animais domésticos como gato, cachorro? Nossos Ancestrais. Quem nos ensinou que o boldo é bom para o estômago? Nossos ancestrais.

O ato da gente plantar um inhame e colher desse inhame. Tem casa de candomblé que eles fazem rituais. Eles fazem o plantio do inhame e quando o inhame está pronto eles fazem o sacrifício do inhame, pilam no pilão, fazem a festa do inhame para poder ofertar à ancestralidade e, após isso, comer. Porque o inhame foi abençoado, para

falar uma linguagem que as pessoas entendam, mas ele foi abençoado para que aquela pessoa possa se alimentar e o orixá possa pairar sobre o corpo da pessoa, para que o orixá possa abençoar e fortalecer. E as cabeças daqueles inhames serão novamente plantados para, no ano que vem, eles poderem colher novamente, poderem retirar da terra e oferecer para o orixá.

Os índios nos ensinaram a cultivar. As pessoas pensam que o índio é só caça, só caçar, que só ia atrás da caça. Eles iam atrás da caça, eles respeitavam a natureza. Por isso nós respeitamos tanto a natureza. Nós não destratamos o animal, o animal não pode sofrer. O ato do sacrifício é o ato onde o animal não pode sofrer. Se o animal sofrer, a nossa própria ancestralidade discorda. O índio, da mesma forma, ele ia à caça, dias após dias na caça, ele flechava um animal, ele metia a lança num animal para pescar, fazia uma armadilha para pegar o animal, aquele animal era entregue à natureza. Já que é a natureza que dá o alimento, que permite que a caça venha até eles. Eles sacrificavam o animal, ali mesmo naquele solo sagrado, para que o animal não sofresse.



Altar de Jurema. Crédito: Railton Teixeira da Silva

Se aquele animal sofresse eles seriam penalizados pela natureza, que não traria novamente uma caça para que eles pudessem se alimentar. E os próprios ancestrais deles ensinaram isso a eles. Então, eles fazendo a caça de forma justa e respeitosa para a natureza, a natureza iria trazer mais coisas para eles. E o ato do cultivo da macaxeira, do inhame, da batata, frutas, as ervas que eram utilizadas como remédios... Uma coisa que a gente deveria fazer hoje para se ter remédio, medicamento. Por exemplo, tem pessoas que sofrem muito com sinusite, a quina-quina. A gente pode cheirar o vapor da quina-quina para curar a sinusite. Mas, os índios lidavam com o ato da plantação para alimento do corpo e do seu espírito.

Na Jurema, a ideia de ancestralidade eles trazem no sacrifício ou no ato do transe com bebida da Jurema. O ato do transe com a Jurema e o ato de se ligar com os ancestrais debaixo da sombra da árvore sagrada. Isso faz com que você seja levado até a cidade onde o seu ancestral mora, onde seu pajé, seu cacique que partiu, seu familiar mora. Se a gente prestar atenção, toda essa ritualística, seja ela da Jurema ou do orixá, os atos religiosos nos levam até onde os nossos ancestrais estão.

E é esse o ato da gente ir lá, sentir eles mais de perto, através da natureza. Senti-los mais de perto através do elo de ligação do cântico que eles gostavam, do cântico que eles mais amavam. O ato de colocar as comida que eles gostavam, para poder sentir eles perto, para trazer de volta, para poder fazer esse elo de ligação entre céu e a terra, para eles poderem vim até onde nós estamos. Não é que a gente vai puxar eles, mas colocamos lá e trazemos eles para poderem se fazer presentes entre nós e, a partir daí, eles nos ensinar.

Para se ter ideia, nesse cunho, um mestre de Jurema é um ancestral, uma mestra de Jurema é uma ancestral. Não é só o índio, o Preto Velho também o é e os orixás.

Hoje nós temos dificuldades de encontrar as árvores sagradas e dificuldades principalmente com a sociedade.

Temos a dificuldade de encontrar as árvores sagradas. Moro em volta de uma mata, mas tenho um espaço delimitado. A ideia não é construir, invadir a mata, a ideia é preservar, ter a mata para se fazer o culto.

Ter um pé de Jurema aqui dentro para se ter mantida viva a tradição é importante. O que acontece é que antigamente os catimbozeiros iam até a mata para render homenagens à herança ancestral indígena, a seus mestres. Mas, devido à urbanização, eles tiveram que trazer esse culto para a cidade e cada vez mais foi ficando escasso o angico, o juça, a peroba, o manacá, o catucá. As árvores que são representativas. Representação sagrada para nós juremeiros.

Nós tivemos que fazer troncos e trazer para as cidades para poder colocar dentro dos nossos barracões, porque senão não conseguíramos cultuar devido a esse desmatamento exacerbado que nós temos hoje. Essa mata que fica aqui no Conjunto Paulo Bandeira acabará se tornando daqui a alguns anos uma gruta, devido à questão da desigualdade social, mas ela se tornará uma gruta e assim se acabando.

Quantos e quantos mestres de Jurema tiveram seus troncos arrancados. Quando se nasce na Jurema, se planta uma árvore, se tem uma árvore sagrada. E a partir daí foram arrancados os pés de Jurema. A árvore que o meu juremeiro foi iniciado não existe mais. E com uma Jurema na casa se torna um patrimônio da casa, essa daqui não se arranca mais. Mas quanto outros já não se perderam?

O ato de termos que ir até a mata nos dificulta muito, principalmente nas questões sociais, não se tem um veículo para ir até a mata, para se chegar até lá. Todas as matas são distantes, acaba indo se buscar em lugares muito longe e quando a gente sai com animais



Registro de uma gravação durante uma festa da orixá Oxum. Crédito: Railton Teixeira da Silva

e vai até a mata, existe a retaliação social, existe a opressão do vizinho evangélico, existe a opressão do Estado, a polícia. Se o nosso atabaque está alto, tem um vizinho que liga para a polícia buscar.

Os terreiros têm que ter horário. Se o ilú está sendo tocado muito alto, se os tambores estão sendo tocados muito altos, vem retaliar, até levarem os atabaques. Até acabar com o nosso ritual. A liberdade religiosa na realidade ela existe para religião de branco e para padrões sociais mais altos. Os terreiros pelos quais estão em Maceió não estão nos bairros nobres, diferente dos cristãos, eles não sofrem a mesma retaliação.

Então, essa dificuldade que temos de encontrar a árvore e mesmo que não encontre, mas irmos até a

mata, pois se a gente for paramentados, nós somos apedrejados. Os olhares que lançam sobre nós, olhares de repugno, de desprezo. É contra isso que a gente luta todo dia, para que isso não aconteça.

Existe um risco eminentemente da religião acabar. Do culto em sua raiz acabar. Porque, queira que não, aqueles que primam pela sua família de Jurema está sendo banalizado de forma gritante. Está sendo implementado coisas que não condiz com a realidade das famílias de Jurema, como por exemplo abrir a boca para dizer que sem o cristianismo não existiria a Jurema. Eu discordo completamente. Porque a Jurema é matriz indígena. O mestre tem seu berço católico porque a única coisa que se tinha no tempo deles era a fé. Porque a comida era escassa e quando se tinha o sacrifício era festa.

A comida era escassa, a doença andava solta, mas eles tinham o remédio da terra para poder se tratar. As suas rezas, suas bênçãos e o catolicismo ele veio para dentro da Jurema por causa dos mestres. Eu coloco os mestres porque é um dos maiores pesos da Jurema: o índio e o mestre. A mestra também, mas o peso da Jurema é o índio e o mestre.

Quando o catolicismo entra nele, o catolicismo tenta deturpar o índio. É onde aparecem os caboclos. Nós temos a pajelança, nós temos o toré e não é questão de purismo, mas é a questão de se manter a essência de uma raiz. Sem o catolicismo nós teríamos os mestres, pois a urbanização iria chegar em algum momento, mas não seriam católicos, seriam mestres, mas não seriam católicos.



Ritual de Jurema de Chão. Crédito: Railton Teixeira da Silva

GRUPOS E INSTITUIÇÕES PARCEIRAS DE CAMPUS:

Alagoas: poder e conhecimento

Campus do Sertão – Ufal/Delmiro Gouveia

CIMI: memória indígena em Alagoas

Especialização em História de Alagoas – Ifal/Campus Maceió

Etnohistória indígena de Alagoas

Instituto Feminista Jared Viana

Neabi – Ifal/Campus Maceió

Neabi – Ifal/Campus Piranhas

Oeste alagoano: ampliando olhares